

Maria Alzira Seixo

*Universidade de Lisboa*

## Testemunho para Margarida

Eu estava em Washington Square e chorava.  
Foi em 1982, falaras-me um pouco antes em Lisboa  
com esse modo decidido, vertiginoso, a corta-mato,  
vamos fundar uma associação, comparatismos, coisas dessas,  
e eu a pensar esta mulher é doida.

Achava mesmo louco esse teu ar despenteado, sorridente,  
o teu cabelo encaracolado e louro de miúda mal comportada, o vestido pingão,  
a tua passagem marcada e veloz pelas coisas,  
passos de pensamento leve e mão detida, a agir fundo,  
a escrever cartas longas e cheias como o coração que abrias  
e nunca esvaziavas.

E tinhas razão. Foi em Washington Square,  
não pudeste ir e eles deixaram-me sem bolsa,  
era uma vez na América, quem havia de dizer, uma futura presidente  
e dez anos antes eu ali perdida, entre a casa do Miller e a NYU,  
pensava em ti quando o Guillén passou,  
pôs-me o braço no ombro, que há pasado Maria?,  
tinhas razão, tudo começou naquela ponta de Manhattan,  
onde afinal os desastres.

Tudo tão diferente então do estudo sereno dos anos sessenta,  
mesmo as greves de sessenta e dois, bem comportadas e estudiosas,  
a revolução fazia-se com seriedade e competência,  
éramos assim. Deixei de chorar com o tempo, e a loucura  
foi sempre a tua, de cabelos no ar e sorriso insistente,  
não sei como uma associação surgiu mesmo, engrandeceu-se,  
vieram projectos, e mandatos, e combinações, propostas  
e respostas, sempre disposta a tudo, inventando, inventariando, contrariando,  
aparecendo não se sabe quando nem donde,

de Washington Square, afinal foste tu, Liberty Valance,  
quem aportou aqui.

Nunca mais deixaste ninguém descansar.  
Há quem diga que fui eu mas não é verdade, e tu sabes, foste tu.  
Ficaste connosco definitivamente doze anos depois,  
lembro-me de uma conversa ao fim da manhã nos Lodi Gardens,  
tramámos tudo nas tuas costas e sorriste uma vez mais  
já nas Montanhas Rochosas (tão índias  
que nós éramos!), cedi o passo  
a essa marcação cerrada que impunhas.

Não sei como tudo mudou. A tua voz ficou séria  
subitamente ao telefone, um dia, houve silêncios na conversa  
que não havia meio de continuar, e eu pensei: como se grita?  
As tuas cartas nunca mais foram longas  
e o coração foi desaparecendo  
no sorriso mais quieto, e mesmo o teu cabelo ficou liso.

Quando vou a Odense  
o ar do Báltico traz-me a tua última presença  
na ansiedade de uma travessura incessante  
quando te detinhas nos campos com Tânia e Ziva, o verde da chuva aparecendo ao sol,  
o mármore dos palácios na ilha, um ar de Hamlet  
e o sorriso fluuava ainda, a claridade no cabelo,  
mas o corpo desaparecia.  
Ficaste ali na memória de todos, nas flores de Ofélia deslizando,  
Svend Erik estampou-se no carro, e o susto geral  
foi afinal o de ver-te partir.

Disseram-me que foste numa pequena caixa  
que ficou contendo as tuas certezas e tantos passos por dar  
e, bem o sei, aquela dúzia de camisolas que compraste  
ao mercador da rua em Veneza, anos antes, eram compras de Natal,  
e não cabiam na mala do regresso.  
Ilhas de um arquipélago que vai desaparecendo,  
deixamos o mar livre para as lágrimas de quem vier no mapa,  
e nas cartas que traçaram as derrotas  
só encontra o olhar vago da sombra  
persistente, em Nova Iorque e em toda a parte.